

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	24800	12900	8900	3120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	23000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 713

20 DE OUTUBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 23 X 29

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Dias lindos com que, á chegada dos chrysanthemos, o verão se despediu, e com que o sol portuguez quiz honrar a visita dos congressistas estrangeiros, disseram-nos decididamente adeus por muito tempo. Grossas nuvens enoveladas vieram do sul estender um compacto, humido tapete sobre a grande planície, ainda ha dias toda azul.

As tardes esplendidas do amoroso outomno deveriam deixar suavissimas lembranças aos habitantes dos paizes do norte, que o céu de Portugal, de acordo com os portuguezes, recebeu fidalgamente.

Foram festas successivas em que só houve saudações de affecto, brilhando nos vidros facetados os topasios riquissimos dos melhores vinhos das nossas cepas.

O passeio ao Porto não foi senão o numero final d'essas constantes ovações, que os nossos hospitaes provincianos por toda a parte fizeram aos membros estrangeiros do congresso e estes aos habitantes d'um paiz, que muitos d'elles só mal conheciam por um *ouvi dizer* da nossa historia gloriosa.

Viram elles o que tinhamos de melhor, o que de melhor lhes podiamos offerecer n'esta quadra do anno triste, na sempre nas principaes cidades.

Mas para que nada lhes faltasse, que lhes pudesse mais tarde aureolar as memorias dos tempos que entre nós se demoraram, um dos nossos maiores artistas, nosso orgulho e honra nossa, veio ajudar, como em conto de fadas, a transformar lembranças saudosas em sorridentes, inacreditaveis recordações d'um sonho bom.

Bem haja Raphael Bordallo.

Devem esses estrangeiros ter levado de Portugal a opinião d'um alto grau de adeantamento das artes entre nós.

A jarra Beethoven, que tão arriscadamente fez viagem desde a fabrica das Caldas da Rainha, até ao *foyer* do theatro D. Amelia, pode felizmente ser admirada pela maior parte dos congressistas.

Não puderam elles fazer idéa da obra de Raphael, inconfundivel, onde sempre a assignatura apparece d'uns dedos que parecem de fada; mas, ao menos viram o melhor capitulo d'essa obra.

Quando Bordallo Pinheiro, visivelmente e com razão commovido, agradeceu a ovação entusiastica e espontanea que lhe fazia tanta gente apinhada em volta do preciosissimo objecto d'arte, Jules Claretie, o grande escriptor francez, apertava-lhe a mão, elogiando-lhe calorosamente o trabalho.

E que raras coisas tão formosas nos tem dado aos olhos para seu encanto a arte portugueza.

Quando a gente pensa que um tal

trabalho e de tal ordem foi devido ao esforço d'um homem quasi só, que bella lição para meditar nos offerece, quando, ao mesmo tempo nos maravilha!

O que ora a ceramica portugueza com seus modelos primitivos e primitivos processos, todos o sabemos ainda. Como, por esse mesmo caminho, que parecia ir dar a um becco sem sahida, jornadaeu o glorioso artista e tão rapido foi encontrar regiões de tanta luz?

Mas a obra de Raphael continua sendo encan-

tadoramente portugueza, e n'isso está um dos seus maiores elogios, porque portugueza essencialmente foi a sua origem.

A jarra Beethoven de que muito especialmente desejaríamos falar, é obra d'uma imaginação irrequieta, desabroxada ao sol, ebria de luz e de perfumes trepadores, que sonha e logo executa, com a vivacidade, o entusiasmo, o fogo, com que um meridional sente logo, logo que percebeu, ás vezes, ainda antes de haver percebido, por uma intuição misteriosa que faz adivinhar.



S. M. A RAINHA LUIZA DA DINAMARCA — FALLECIDA EM 29 DE SETEMBRO DE 1898

Os motivos decorativos da obra prima, apoteose de Beethoven que mereceu a Bordallo uma apoteose, foram todos concebidos parece que num só momento de inspiração e accumulados por mão de mestre em torno do bojo da jarra, pela base, pelos rebordos. O grupo dos concertantes e o dos ouvintes que do outro lado lhe faz symetria são deliciosos; são trabalhos de maravilhosa esculptura muitas das figuras allegoricas, e o medalhão do maestro genial tem toques primorosos do pincel do artista portuguez.

A jarra toda ella parece cantar-nos um hymno tão inspirado como aquelles que a inspiraram. O genio canta o genio. O sul comprehendeu o norte.

O sol canta maravilhado as grandes flores desabrochadas entre as brumas compactas do paiz das neves.

No theatro D. Amelia, cujo foyer a liberal gentileza de seus proprietarios pôz á disposição de Raphael Bordallo, realisar-se-ha brevemente uma recita em homenagem ao querido artista portuguez, na qual todos os seus admiradores entusiastas e amigos dedicados, que são quantos o conhecem, poderão manifestar-lhe em palmas e bravos a devotada gratidão ao que tão alto elevou na arte o nome portuguez.

Será, além de tudo, uma festa patriótica.

Não a desejamos maior do que essa, que ainda ha poucos dias ali se reabou, ovação a todos os artistas também muito nossos, também muito dignos do muito amor, que todos os que enchem a sala desde a primeira fila de cadeiras á ultima bancada das galerias lhes manifestaram calorosamente.

Era n'aquelle theatro a primeira recita dos antigos emprezarios do theatro de D. Maria. Representava-se o *Fritz*.

Apenas Augusto Rosa entrou em scena, todo o publico se levantou fazendo-lhe unanime ovação estrondosa, aclamando-o a elle, e interrompendo o acto, chamando ao palco os antigos collegas, que com elle tanta vez aquella mesma peça interpretaram no theatro de D. Maria.

Apesar de não tomarem parte na interpretação do drama foram também n'essa occasião chamados Teborda e João Rosa. Foi justissima e commovente para elles a ovação que lhes fizeram, a Teborda pelo auxilio que prestou aquella homenagem a antigos companheiros, a João, porque elle também precisava que o compensassem por alguma forma — e qual haveria melhor? — d'um intimo desgosto.

A representação da bella peça de Erckmann-Chatrian assim decorreu sempre entre palmas e bravos.

O *Fritz* é das comedias que mais bello conjunto obtiveram no theatro de D. Maria, onde contou dezenas e dezenas de representações, apesar do frio acolhimento que lhe fez o publico quando da primeira representação. Mas era uma obra prima e fôra estudada com carinho.

Augusto Rosa, o protagonista, representa na perfeição aquelle typo, de solteiro de quarenta annos, epicurista, á ultima hora apaixonado pela Suzel.

Brazão faz o velho rabbino, bom homem, casamenteiro da breca. Foi sempre dos seus melhores papéis. Motivos houve para que no theatro de D. Amelia se esmerasse e poucas vezes vimos em theatro portuguez papel tão superiormente desempenhado, como o do rabbino n'essa noite.

Rosa Damasceno fez a Suzel e o que ella fez só poderia descrever-se em verso, n'um madrigal cheio de frescura como a madrugada d'aquelle dia em que a filha do renheiro se apaixonou pelo amo. Um verdadeiro primor. Que delicioso encanto n'aquellas paginas da Biblia que ella repete junto á fonte!

No final da peça a ovação foi a todos; toda a companhia teve de vir ao palco. Os velhos, os novos, todos o publico aclamou com o maior dos enthusiasmos.

Noite de festa foi essa inolvidavel.

Depois Teborda e Rosa Damasceno appareceram-nos n'uma comedia muito antiga, o *Ditoso Fado*. É a ovação continuou sempre com o mesmo calor, a mesma intensidade.

Dezenas de vezes o panno teve que levantar-se, e a ovação não cessava, todos compartilhando-a, ora juntos, ora um por um, chamados á bocca de scena.

O facto tem a sua moralidade, que talvez já se encontra na Sabedoria das Nações.

Foi até agora o facto de maior sensação nos theatros de Lisboa. Não devemos porem deixar de falar da abertura do theatro da Avenida, cuja direcção litteraria foi assumida por um distincto homem de letras, nosso amigo, Dr. Luiz Gonsalves de Freitas. A *Viagem á China* agradeo extraordinariamente, sendo applaudidissima. Plan-

tier e os irmãos Rentini, possuem vozes como poucas se tem ouvido nos nossos theatros de opera comica. Plantier possui além d'isso um talento notavel de actor.

Abriu também as portas o Colyseu dos Recrios, onde se estreou uma companhia, que nos dizem de primeira ordem.

Eis-nos em pleno inverno, Lisboa anima-se. Dentro de poucos dias as praias estarão desertas, os hotéis fecharão as portas, os chalets emudecerão sob os pinheiros gotejantes, as bolas das roletas descançarão nos pratos e o mar sóinho roncará suas coleras, que ninguem ha de ouvir.

A grande toirada em Cascaes, que deveria ser dirigida pelo Visconde de Asseca, foi contranunciada, e o distincto fidalgo não ouvirá portanto outra vez o homem do sol gritar-lhe enthusiasmado: — Bravo seu Botas de polimento!

Mas a chuva era precisa. Tudo vai bem. Até os cambios que vão subindo.

Uma só tristeza n'este primeiro mez de inverno. Foi-se de muitas casas a alegria, acabaram-se as ferias tão queridas dos filhos como dos paes. Elles caminham para homens, que nós vamos indo para velhos. Elles tem, que fugir do conchego das familias e ellas ficam sem o conchego d'elles.

Estudos! E havemos de ser velhos e havemos de estudar.

Emquanto uns escrevem para as crianças amorosamente, procurando-lhes pela imaginação educar-lhes o espirito, outros dão aos homens os fructos de seus trabalhos meditados.

E na mesa d'esta redacção assim encontrei dois livros bem diversos, os *Contos para as crianças* da Sr.^a D. Maria de Castro Osorio e a *Pintura simples* do meu amigo e collega Francisco Liberato Telles.

Para as crianças historias simples escriptas com amor e ternura de quem bem as conhece; para os homens um bello livro, esplendidamente impresso, contendo factos historicos notaveis, muitos referentes a coisas d'arte portugueza geralmente ignoradas, e um tratado perfeito e luxuoso da pintura decorativa.

Estudemos, que parar é morrer, já alguém o disse e é uma grande verdade.

Sic itur ad astra, estudando. Assim um nome se torna conhecido em todas as partes do mundo, ainda que estas sejam como certa senhora as tinha em bustos na sala, a Europa, a Grecia, a Persia e Neptuno.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

A RAINHA LUIZA DA DINAMARCA

Por telegramma de Copenhague, em 29 de setembro findo, foi noticiada ao mundo inteiro a morte da rainha da Dinamarca, a veneranda esposa do rei Christiano, que a desposara quando ainda era principe, pois que occupa o throno desde o anno de 1863.

Casados durante 56 longos annos, tiveram os dois consortes dias de suprema ventura no remanso da sua vida intima, como paes de familia, e de tristeza e inquietações como soberanos.

Pouco depois da sua subida ao throno, soffreu como se sabe a Dinamarca terriveis violencias, perdendo Sleswig, Holstein e Lanemburgo, com a guerra que os envolveu. Mas de todos os revezes triumphou o patriotismo e integridade de caracter de S. M. Christiano IX.

Bem numerosa é a prole que proveu da extincta soberana, sendo decerto a maior familia real que se conhece. O seu filho primogenito é o principe herdeiro da coroa, Christiano Frederico Guilherme Carlos, que nasceu a 3 de junho de 1843 e casou em 1869 com a princeza Luiza Josephina Eugenia, da Suecia e Noruega, de quem já possui bastantes filhos.

O filho segundo é a princeza Alexandra Carolina Maria, que nasceu em 1 de dezembro de 1844 e é esposa do principe de Galles Alberto Eduardo, herdeiro do throno de Inglaterra e que igualmente tem muitos filhos.

O terceiro filho é Christiano Guilherme Fernando, que nasceu em 24 de dezembro de 1845 e foi eleito rei da Grecia com o nome de Jorge I, em 6 de junho de 1863 e casou com a grã-duquesa da Russia Olga Constantinowna, em 27 de outubro de 1867.

O quarto filho é a princeza Maria Sophia Dagmar, que nasceu em 26 de novembro de 1847 e desposou Alexandre III da Russia, a 27 de outubro de 1867.

O quinto filho é a princeza Tira Amelia Carolina, que nasceu em 1853 e casou com o duque de Gumberland e de Brunswick Ernesto Augusto Guilherme.

O sexto filho, finalmente, é o principe Waldemar, que nasceu em 1858 e casou com a princeza Maria Amelia Francisca Helena de Orleans, filha do duque de Chartres, em 22 de outubro de 1885.

Bem se pôde, pois, comprehender quantas côrtes da Europa se viram enlucadas por tão triste passamento. A corte portugueza também tomou lucto por alguns dias e S. M. El-rei D. Carlos fez-se representar nos funeraes em Copenhague, pelo nosso ministro em Berlim, sr. visconde de Pindella, que para alli partiu em 16 do corrente.

Aos laços de sangue juntou-se a consideração, de que tão brilhantes provas já haviam recebido os dois esposos, por occasião das suas bodas de ouro, em 1842. A morte da edosa soberana tem sido bastante pranteada, e nos ultimos momentos e durante a velação do seu cadaver acharam-se ali na primeira noite a princeza de Galles e o rei da Grecia, e na noite seguinte outros membros da illustre e numerosa familia.

Rainha e mãe, a finada soberana cingiu duas cordões, tendo a alegria de ver cada anno engastar-se uma nova perola, um novo netinho que nascia, nos florões d'esse diadema nobilissimo que a natureza concedeu á mulher, seja ella rainha ou pastora, — a maternidade.

A rainha Luiza Guilhermina Frederica pertencia á casa de Hesse-Cassel e falleceu na avançada idade de 81 annos, pois que vira a luz do dia em 17 de setembro de 1817.

A sua doença não foi longa, talvez uns dois mezes. Não causou surpresa o seu passamento, mas deixou muitos corações enlucados que a extremeciam.

Gozará, pois, a memoria da finada soberana o tributo piedoso e sincero da dôr de seus filhos; e seu esposo o edoso monarcha, tem a consolação de receber innumeradas provas de condolencia e do geral sentimento pela perda que soffreu, todas devidas ao subido apreço pela esposa que o acompanhou durante 56 annos.

Uma janella em Villa-Real de Traz-os-Montes

Ha dois annos, demorando eu em Villa-Real, a camara municipal do concelho, acordou com o proprietario da «Casa do Arco», na demolição d'este antigo paço senhorial, já muito deteriorado, para a abertura d'uma rua. Pedí então ao meu amigo, photographo amator, Lopes Martins, o favor de photographar a janella principal da casa. Esta photographia foi depois, já em Lisboa, reproduzida em desenho a penna, ampliado do original, por outro meu amigo, o tenente Diogo, da companhia d'alumnos da escola do exercito, que n'este genero de desenhos, hoje raro, tão boas provas deixou no «Branco e Negro».

O palacete em que abre esta formosa janella, era o solar dos marqueses de Villa-Real, dos quaes o ultimo foi justicado em 1641, julgado réo na conspiração contra a vida de D. João IV. A casa passou então ao Infante D. Derradeiramente estava incluída na propriedade da familia Malafata.

O velho solar era (não sei se já foi arrasado) uma das curiosidades historicas da antiga villa; a que D. Diniz deu honras de real. Erguia-se a um dos lados da Praça principal, mais conhecida ainda hoje pelo seu antigo nome de *Taboado*, e fronteiro ao convento de S. Francisco. Era solidamente construído de cubos graníticos, que pela vetustez, e pelo dentado em ameias na linha superior, lhe davam um aspecto afortalezado. «Forte e feio.» As janellas eram geminadas, cortadas ao meio por um columnello fino e airoso. As reconstrucções podem estragaram em muito, o typo primitivo.

A janella grande (a da nossa estampa), de maiores dimensões, e mais trabalhada do que as outras, deve ser da traça primitiva, e correspondendo ao salão nobre. No alto lá está o braço d'armas dos marqueses, que fôra picado em virtude da sentença por tentativa de regicidio. Como se vê, a linha decorativa é toda e simplesmente espiral. Supomos ser trabalho do sec. de quinhentos. Ultimamente e como se conhece da estampa, não tinha a fechal-a nem a rotula antiga nem a vidraça moderna.

A actual familia que possui o titulo nobliarchico de Villa-Real, nada tem, como é sabido, com aquell'outra. O solar d'esta é em Matheus, suburbios da villa.

Henrique das Neves.

VASCO DA GAMA EM ANGEDIVA

(Capitulo d'um livro inédito)

Angediva ou *Anchediva* vem do malayalim *anjadiva*, quer dizer, cinco ilhas, havendo quem faça derivar este nome de *Azadivya*, divindade tutelar hindu da região, que actualmente se venera no territorio visinho de Ankola. A pequena ilha d'este nome que pertence ainda ao dominio portuguez e faz parte do districto de Goa, está situada na latitude N. 14° 45' e 74° 10' longitude L. Greenwich, tendo de superficie 1, 5 kilometro quadrado e distando perto de 70 kilometros de Nova Goa. Não se pôde separar o nome de Vasco da Gama d'essa inhospita, pauperrima e esquecida ilha, porquanto apparece descripta com interessantes factos nos roteiros das duas primeiras viagens do immortal capitão. Escriptores ha que a mencionam somente por ser a primeira praia da costa do Malabar, onde desembarcou o primeiro visor-rei da India, D. Francisco de Almeida (13 de setembro de 1505), levantando em seguida uma fortaleza, sem notar que o fez em virtude do regimento de el-rei D. Manuel a quem Vasco da Gama e o judeu, seu afilhado, de que adiante falaremos, haviam informado as vantagens de ali se crear um estabelecimento portuguez.¹

Lê-se no *Roteiro* da primeira viagem entre os factos do regresso: «fomos a pousar (23 de setembro de 1498)... em huma ilha em a qual nos disseram que avia agoa. Mandou logo o capitam moor a Nicolao Coelho em hum batell armado a ver onde estava a aguada, o qual achou em a dita ilha hum edificio de huma igreja de grande quantaria, a quall estava derrubada dos mouros, segundo os da terra diziam, senam quanto a capella estava cuberta de palha, e elles faziam oraçam a tres pedras negras, as quaes estavam em meo do corpo da capella, e mais achámos, além d'esta igreja um tanque de quantaria, iso mesmo lavrado, em o quall tomámos quanta agoa quisemos, e em cima de toda a ilha estava um grande tanque d'altura de quatro braças, e mais achámos de fronte d'esta igreja huma prava em a quall espalmámos o navio Berrio, e o navio do capitam moor: o Rafaell nom foy a monte por respeito dos inconvenyentes abaixo escriptos»²

Gaspar Corrêa, dando noticia da armada ter tocado a ilha de Angediva e do tanque de pedra preta com muito boa agoa, acrescenta dois factos muito interessantes. Diz: «Estando as naos assi nesta ilha, em que nom havia gente; somente um homem pedinte, a que elles chamauão Joque³, o quall nesta ilha vivia debaxo de huma lapa de pedra, que comia do que lhe dauão as naos que per hi passavão; que era somente arroz e heruas sequas»⁴

E mais adiante: «Estando assi as naos em Angediva, correu a noua pola terra e foi ter a Goa, que era dahi doze leguas, de que era Rey hum mouro chamado Sabayo, que era senhor de muitas terras e gentes, e por esta cidade ser o principal porto de mar, com grande rio que fazia ilha em que estava situada, em que havia grande trato, trazia no mar armada de fustas, com que fazia entrar em seu porto as naos que passavão, pera lhe pagarem seus direitos. O qual Sabayo, ouvindo que nossas naos ali estavão em Angediva, que também lho contavão as naos e zambucos, que passavão, por Angediva, e que não faziam os nossos mal a ninguem, desejando saber das naos, chamou um judeu granadi, que era seu Capitam moor do mar, e falou com elle sobre as nossas naos. Este judeu na tomada de Grada, sendo homem manchebo desterrado, correndo muitas terras foi ter a Turquia e veu a Meca, donde passou a India, e assentou vivenda com este Sabayo, o qual polo achar valente homem de guerra do mar

o fez seu Capitam moor de sua armada, e falando com elle sobre as naos, o judeu se convidou que elle as hiria ver, e se pudesse haueria fala dellas, que lhe nom podião fazer mal, que hiria n'uma fusta ligeira de vela e remo, e podia ser que acharia as naos em tal disposição que as trouxesse a Goa, porque já lhe tinhão dito que estas naos andavão em Calecut na costa do Malavar: e se fez preste em uma fustinha esquipada, e leuou oito fustas grandes armadas, com gente para pelejar com as naos se comprisse. Elle era homem velho todo branco, grande homem de corpo e de grande barba: o qual veu com suas fustas e chegou de noite porque nom fosse visto das naos, e metteo as fustas antre ilheos que estavão na bocca do rio de Cintacora, que desuisado das naos mea legoa, onde bem podião estar que nom fossem vistas das naos. E como foy noite escura, elle se metteo em huma almadia esquipada, e caladamente se foy as naos, e vio de longe, e conheceu que eram naos de Espanha, com o que se tornou ás fustas. E como foi menhu se metteo em huma fustinha bem esquipada, que muyto corria á vela e remo, e se foy as naos com determinação de com alguns modos dissimulados entrar dentro, e ver que gente tinhão, e se achasse boa disposição, os tomar per alguma manha, e quando nom então veria se as podia queimar e hauer dellas alguma presa, ou tornaria a Goa trazer armada com que as tomasse; e confiando em sua fustinha que os bateis nom poderião alcançar ainda que fossem após elle, e com esta fantasia se foy as naos.

Quando este judeu chegou aos ilheos com as fustas, foy visto dos pescadores que hião para o mar, e virão que as fustas se esconderam antre os ilheos, e conhecerão que erão de Goa que andavão a roubar polo mar, e lhe pareceo que vinhão fazer mal ás naos. Elles como erão já muyto amigos com os nossos, que lhe fazião boa companhia, e esperando que por isso os nossos lhe darião alguma dadiva, com muyta pressa forão ás naos, e lhe derão aviso de todo o que entendião, que as fustas nom estavão ali senão pera fazer algum mal. Aos quaes o Capitão moor deu boa paga com o que se forão muy contentes. Então os Capitães aperceberão artilharia e ordenarão todo o que cumpria, e vigiarão bem toda a noite, mas nom virão a almadia em que o judeu veu ver as naos. E amanhecendo veu o judeu em sua fustinha, fazendo modo que passava pera outra parte, e vendo as naos que arribavão, e sendo perto tomou a vela e remo e chegou ás naos que estavão juntas huma perto da outra; e sendo perto por pôpa, que o podião ouvir, saluou as naos com fala castelhana dizendo: «Dios salve las naues y los señores capitanes Christianos, y la campaña que nellas viene.» E os remeiros derão grita, ao que das naos responderão com as trombetas, e em toda a gente houve grande alvoroço de prazer, ouvindo a fala castelhana e chegando mais perto disse o judeu: «Señores capitanes, dadme seguro, e entraré em vuestras naues por saber nuevas de mi tierra, e tambien de mi sabereis las que vos pluguiere, pues Dios aqui os ha traído, que sed vuestro bien y mio, que ao cabo de quarenta años que soy captivo, y agora Dios me mostró naues d'Espanña, que es mi tierra. Y por tanto sea la vuestra merced dar-me el seguro que pido que sin ello nñ ousaré entrar.» Da nao lhe responderão que seguramente podia entrar com paz, que lhe farião toda a honra, porque muyto folgauão de o ouvir falar, porque nas naos nom havia quem fizesse mal a ninguem. Nas quaes palauras o judeu confiando chegou e entron, e o receberão com gasalhado, e o fizeram, fazendo-lhe perguntas de que terra era, e como assi andava tão longe de sua natureza, e outras muitas cousas a que o judeu respondia aos Capitães, que mostravão que muyto folgauão de o ouvir. Os remeiros de fustinha também entraram muytos dentro, que estavão espantados do que vião, e muy seguros vendo seu capitão assi estar assentado praticando com tanto prazer. O Capitão moor disse que chamassem Nicolao Coelho, e viesse ver o nouo que os viera ver. Nicolao Coelho veu da nao no batel com alguns homens, e chegando á nao, o Capitão moor mandou que viesse da banda da fusta, e chegando que entrando pola fusta, o Capitão moor se aleuantauo, e mandou logo atar o judeu por homens que pera isso estavão prestes, o que vendo os marinheiros da fusta se lançarão ao mar, ao que acodio o batel, que os andou tomando todos, que nenhum escapou. O judeu, vendose assi atado, disse: A Señores nobres Christianos, valgame Dios, y vuestras mercedes, que confiando em vuestras palauras estoy atado de pies e manos. «O Capitão lhe respondeu: Judeu, com treição pediste seguro, e por isso nom vos valerá» Então lhe deitarão um grosso macho nos pés, e todos os remeiros met-

teram na bomba debaxo da coberta. Então o Capitão moor mandou despir o judeu, e dous grometes com cordas que lhe dessem muytos acoites, dizendo elle ao judeu, que elle bem sabia a treição com que vinha com as fustas que estavão escondidas nos ilheos; que por tanto elle jurava por vida d'El Rey de Portugal seu Senhor, que com acoites e pingos o havia de matar até que por sua bocca confessasse a verdade. O judeu, vendo-se em tal extremo, e que já lhe falava nas fustas que estavão nos ilheos, disse: Señor Capitão, confesso, que soy dino de muerte, mas aued de mi piedade, y destas barbas blancas, que toda la verdade vos diré» Então o mandou desatar e vestir, o qual contou tudo o que atrás já disse. Então o Capitão moor lhe fez grandes juras, que se lhe nom daua ás mãos as fustas que estavão nos ilheos que viu o havia de mandar esfolar. O judeu disse: «Señor mandame, e se eu nom fizer em vossas mãos estou.» Então os bateis foram bem esquipados com seus berços, com muytas panellas de poluora concertadas, e em cada batel vinte homens com as melhores armas que havia, e a fustinha em que hia o capitão moor, leuando o judeu assi nos ferros e as mãos atadas detrás, e os pilotos e mestres nos bateis.

E como anoiteceo que fazia escuro, antemenna que se punha a lua, Vasco da Gama disse ao judeu que chegando as fustas falasse aos seus em modos que elles se nom alvoroçassem, nem se apercebessem a pelejar porque logo elle primeiro havia de ser morto. O judeu disse: «Señor, trabaharey por saluarme da morte» E foram ter com as fustas antemenna, que todos dormião muy descansados: a fusta hia mais diante e os bateis um pouco atrás e largos da fustinha; o que sentindo os das fustas que vigiavão, perguntarão quem vem ao que o judeu respondeu por sua fala: «Eu sou, que trago comigo meus parentes.» Com que entrou por antre as fustas, e os bateis cada hum per fora das fustas que leuavão os murros escondidos. E chegando o Capitão moor deu braço que ouviram, dizendo Sanctiago! Sanctiago! ao que os bateis derão grita, desparando os berços, entrando os nossos com as panellas acensas, que deitarão sobre os remeiros que todos dormião, com que todos logo se deitarão ao mar. E porque a gente de peleja era pouca, e desatinados com o sobresalto do sono, nom houve nenhum que pelejasse, nem se defendesse, porque com o fogo das panellas parecia que todas as fustas ardião.

E porque todas as fustas estavão juntas, os nossos as foram correndo todas até nom ficar nellas nenhum negro, que todos andavão a nado polo mar, que se acolhião aos ilheos, no que amanheceo. Mas o Capitão moor e os seus, na fusta e nos bateis, andarão polo mar matando a todas, e forão matar quantos estavão nos ilheos, que a nenhum derão vida. Então tomarão as fustas á toa atadas aos bateis e fusta, com que se tornarão as naos com grandes prazeres, a que lhe responderão das naos com gritos e trombetas. Nas fustas acharão arroz e cocos, e pescado secco, que era seu mantimento. Tinhão bombardinhas de ferro roqueiras, que deitarão ao mar, e as armas zagunchos espadas compridas, e adargas grandes de tauoas cobertas de couro enuermisadas e muy leues, e arcs grandes com arcs Ingreses, com suas frechas de cana, e ferros largos e compridos. E tomarão das fustas o que houveram mister, e desfizerão algumas pera lenha. Ao que acodiram as almadias que hião a pescar, e lhe disserão os Capitães que as tomassem e leuassem, mas elles nom as quizeram leuar, mas cada um leuava o que queria, e partião as velas em pedaços, e leuavão pera suas almadias. Então dos remeiros que estavão na bomba escolherão os mais bem postos pera o serviço da bomba, doze pera cada nao, e os outros matarão presente os pescadores, porque sabião a treição com que vinhão. O judeu estava muy espantado esperando que acabando todos elle fosse per derradeiro com mores justicias, mas o Capitão moor o mandou metter debaxo da cuberta, e porque já tinhão feito agoada, e era tempo de monção, que os pilotos disserão que partissem, se fizerão á vela.⁵

No roteiro da segunda viagem de Vasco da Gama, apparece a ilha de Angediva com o nome de *Anidibe*. Ali tomaram agua e lenha, ali desembarcaram os doentes da expedição, uns trezentos; ali finalmente, mataram um lagarto de cinco pés de comprimento.⁶

A existencia d'uma igreja profanada e em ruinas de que falla o roteiro da primeira viagem,

¹ *Leudas*, t. 1, p. 561.

² *Roteiro* edição de 1861, p. 94-95.

³ Asceita indo que do ordinario vive de escolas, e algumas vezes leuandador e felleiro. A sabedoria indiana resumiu o caracter dos jogos no seguinte proverbio — *apnegano ka jogi ani ganar* — *é o jogo, quer dizer, o homem que e jogou na sua propria aldeia, é tanto n'outro. Dos jogos da india fellam, além de Gaspar Corrêa, os chronistas e escriptores portuguezes Duarte Barbosa, João de Barros e Garcia da Orta.*

⁴ *Leudas*, t. 1, p. 122.

⁵ *Leudas*, cit. 1, p. 123 e 129.

⁶ *Roteiro* publicado no *Tularem da G. C. do Porto*, n.º 3, t.º 2, serie, 1881.

desperta naturalmente a attenção dos estudiosos; mas seria a fonte da informação segura? Se houve igreja que, segundo o testemunho do chronista da viagem de Pedro Alvares Cabral, em 1500, devia ser a mesma ermida onde os missionarios, seus companheiros, celebraram missas e baptisaram 22 gentios, durante os dias em que a armada esteve no porto de Angediva, derrubada em algumas das invasões do gentio; mas quem a construiu e quando? Os neophytos do apostolo S. Thomé, cujo martyrio a Igreja celebra em 21 de dezembro? os de S. Bartholomeu, de S. Pantemio, de S. Frumentino que, se diz, pregaram o evangelho na India, respectivamente no primeiro, segundo e quarto seculos? Qualquer investigação n'este ponto prende com o estabelecimento

ria, esse apostolado como um facto historico irrecusavel e authentico o reverendo professor Rae, (protestante) autoridade não menos respeitavel, demonstrou em outra não menos importante memoria, que não ha sombra sequer de evidencia para provar que os pés do discipulo do *ver e crer* tivessem algum dia pisado o solo da peninsula indiana¹. Deixemos aos antiquarios, que espontaneamente se fascinam com semelhantes questões, resolver estas antinomias, sendo certo que em averiguação e critica dos successos, não ha nunca autoridades supremas e infalliveis. Com muita justeza dizia um escriptor que, com os documentos descobertos no seculo XIX se podia reconstituir, reformar e renovar a historia de muitos acontecimentos, dando-lhes um aspecto nem

zes, porque ha entre ambos um intervallo de mais de 150 annos (1343 a 1498). Parece que o isolamento da ilha fazia com que esta fosse escolhida para seu recesso pelos *jogues* que, como está averiguado, foram os percussores das modernas e apregoadas theorias da theosophia e do esotherismo budhico.

O judeu que tão caro pagou a sua ousadia, era natural de Posna na Polonia, foi baptisado em Lisboa com os outros captivos de Angediva, e tomou o nome de Gaspar da Gama, por ter sido apadrinhado por Vasco da Gama. El Rei D. Manuel serviu-se d'elle em muitos negocios da India, para onde veiu por vezes como interprete, por saber muitas linguas, e fêz-o cavalleiro de sua casa dando-lhe tenças, ordenados e officios de



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO, AUCTOR DA JARRA BEETHOVEN, *Vide Chronica Occidental*

das primeiras christandades da India, a respeito do qual, se ha autorizados escriptores, quasi todos seguindo-se e copiando-se servilmente, que o confirmam, outros têm apparecido modernamente, que, guiados pelas luzes de avisada critica historica, deixam fundadas duvidas sobre os apostolos e iniciadores da evangelisação. Não se adequa aos limites do presente trabalho o estudo de tão melindroso assumpto que merece tratar-se com desenvolvimento; observamos, comtudo, em vista dos ultimos escriptos que temos á vista, que do apostolado de S. Bartholomeu, S. Pantemio e S. Frumentino não restou, na opinião d'um escriptor orthodoxo, nenhuma tradição local¹ e, quanto ao de S. Thomé, em quanto o reverendo missionario Kennet tratou, n'uma erudita memo-

differente d'aquelle porque ainda são considerados.

A referencia de Gaspar Corrêa ao misero jogue de que falla, concorda com a do celebre viajante do seculo XIV, Abu Abdullah Muhammad, conhecido geralmente pelo nome de Ibn Batuta. Durante a sua longa odysseia de 37 annos, esteve em Goa (então Syndhabur, parte do territorio do rajá Jalansi) e na ilha de Angediva onde viu um jogue arrastando-se n'um *budkhanā* ou templo gentilico². Certamente esse penitente não era o mesmo que viram os expedicionarios portugue-

que se manteve toda a sua vida abastadamente. Acompanhou a Vasco da Gama na segunda viagem, em, 1500 a Pedro Alvares Cabral, e em 1505 a D. Francisco de Almeida mudando então o appellido Gama em Almeida por *amor do viso-rei*. Devia ter dado a El-rei D. Manuel noticias minuciosas da afamada cidade de Goa, acrescentando, segundo as tradições hindus, então bem vivas, que a corte do Sabayo era a dilecta e formosa porção do Parasurama Kshetra, — designada em épocas mythicas por Vismū, depois que derrotou o imperador Saharsjuna e conquistou ao oceano a Surparaka, para estancia dos dez *munis* (sacerdotes) que trouxera do Norte, — cantada nos puranas como o recesso escolhido por Siva, quando abandonou a esposa nos gelidos pincaros dos Hymalaiaes, e o purgatorio dos sete rishis (ascetas) por tempo de sete milhoes de annos, — theatro da sanguinolenta batalha entre Krisna e Jara-sandhaza, etc.

¹ *St. Thomas, The apostle of India*, by the rev. Ch. Egbert Kennet, 2.nd ed., Madras, 1802. E *The legend of S. Thomas*, by the rev. George Milne Rae, M. A., publicada no *Madras Journal of Literature and Science* 1888-89, pg. 1 a 22.

² *Voyages d'Ibn Batoutah*, ... par C. De Frémery et le Dr. R. R. Sauganelli, Paris, 1853 — 58, t. IV pag. 63. Cf. *Ibn Batoutah in Southern India*, memoria publicada por sir S. Fletcher no cit. vol. do *Madras Journal of Literature and Science*, pg. 37-59.

³ V. o artigo *The early history of the syro-malabar church* no *Journal, The Catholic Madras*, n.º 7 de 17 de Junho de 1893.

Não é nosso intento escrever o esboço histórico e archeológico, de Angediva¹, pelo que devíamos pôr ponto aqui; mas a penna recusa-se a parar diante das recordações que lhe andam ligadas; acrescentaremos, pois, algumas notícias que nos parecem mais interessantes.

A fortaleza levantada por D. Francisco de Almeida em 1505 foi demolida poucos mezes depois. As muralhas e outras obras que ainda se vêem desmanteladas na ilha, são obra do vice-rei conde de Alvôr (1682), o qual, com justificado receio de

O MAU OLHADO DE FUAS MAIA

(Concluido do numero anterior)

«Irmão, nós devemos fazer a barba, que isto assim não pode ser,» disse um dia o frei Damião ao seu companheiro. E n'essa noite, logo que os ladrões voltaram, elles pediram-lhes navalhas.

«Quereis fazer a barba?! Essa é boa! Pois não haveis de a fazer. Queremos que ao entrar no

«Com aquelle molhinho...»

«Que é da gente morrer por elle!»

«E as boas somnecas depois de jantar?»

«E as coisas que vamos contar!»

«Como o frei Anastácio vai rir!»

«E o frei João como vai chorar!»

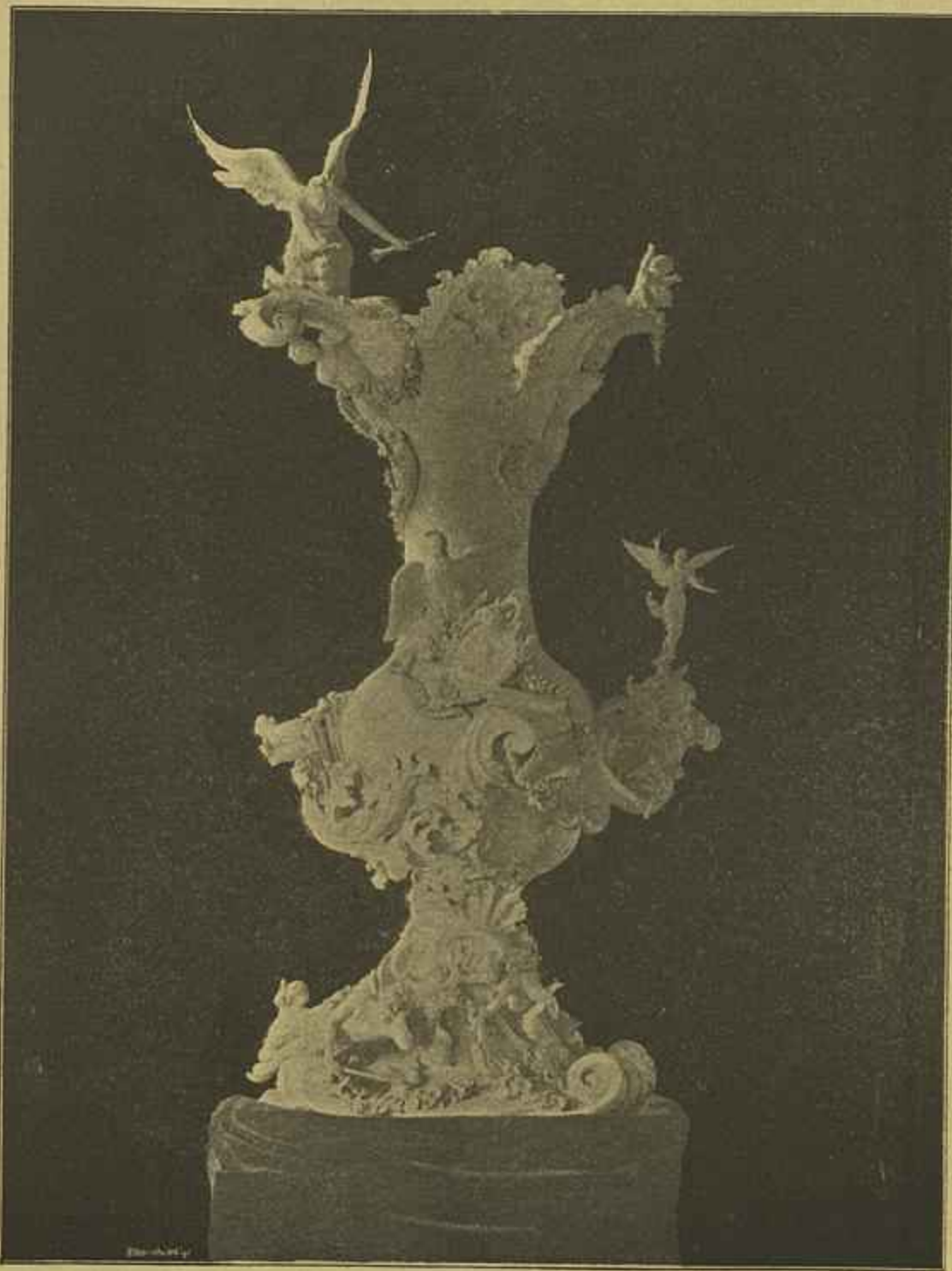
«Elle chora por qualquer coisa!»

Cahiram nos braços um do outro,

«Bemdito seja Deus!»

Depois, de repente, ficaram consternados.

«E as barbas, frei Damião?»



A JARRA BEETHOVEN — Vid. *Chronica Occidental*
(Copia de uma photographia)

que o temível maratha Sambagy, de quem soffreu cruéis derrotas, se apoderasse da ilha, a fim de servir de ponto de reunião ás suas embarcações para assolar a costa, mandou proceder a pesadas fortificações que o vice-rei marquez de Tavora teve de reparar em 1731.

Na historia da India Portugueza apparece ainda a ilha de Angediva com menção notavel. É nos fins do seculo xvii. pouco antes das obras de fortificação realisadas pelo conde de Alvôr.

(Concluo)

J. A. Ismael Gracias.

¹ Sobre as antiguidades da ilha de Angediva vêem uma curiosa memoria do sr. J. Gerson da Cunha publicada no *Journal of the R. R. of the Royal Asiatic Society*, vol. xi, n.º xxxxi, 1875.

vosso convento, apresenteis aos freires de Alcobaca umas caras galantes á maneira dos cavalheiros foliões da Serra de Minde!»

Os frades ficaram aterrados. Que nova partida seria aquella? Mas uma bella manhã, o Unhas de Fome appareceu-lhes com um saquitel de dinheiro na mão.

«Estaes livres, irmãos. Eis o vosso resgate. Quando cerrar a noite vamos deixar-vos á porta do convento.»

Como seria possível descrever a alegria dos frades?

«Frei Damião, muito bem vamos dormir agora!»

«E os perús assados do frei Borromeu?»

«E os leitões?»

«Ai! assim não podemos entrar no convento!» Então o Unhas de Fome, perdido de riso, foi chamar os companheiros e tirando do bolso uma navalha poz-se a afial-a.

«Quê?! Pois ides barbear-nos?! Vós, Unhas de Fome?!» exclamaram os prisioneiros muito espantados e contentes.

«Sim, eu! Porque não? Tendes-me prestado bastantes serviços, irmãos. E' este o meu agradecimento!» respondeu elle com ar de troça.

Sentou-os em escabellos e voltando-os de costas um para o outro começou a barbear-os ao som de grandes gargalhadas e chalaças dos ladrões.

Por fim mandou que se levantassem e olhassem um para o outro.

quilina, e deteve com o olhar segunda interrogação nos lábios do Romulo. Entrou também o Joaquim.

— Estamos aqui todos — exclamou Roque

E, se não estivesse presente a filha, teria acrescentado alguma enormidade, pois era claro e manifesto que ardia em vontade de a soltar.

— Enéas está além — disse o recém-chegado, esfregando as mãos — e com o Frederico! Mandaram-me sahir!

— E ficou o senhor muito consolado com isso? — perguntou o doutor Roque.

— Sim senhor.

O Frederico esperava, ansioso, por se ver a sós com o Frederico, e tentara, mais de uma vez, affastar o Joaquim e o Romulo para ficar sózinho com o Enéas; como este, porém, o não ajudasse, as suas tentativas fraquejaram. D'esta vez, ao contrario, foi o presumptivo esposo da Amalia quem rogou ao Joaquim que sahisse e sabemos já que este obedeceu, esfregando as mãos.

— Enéas! — disse com ansiedade o enfermo, apenas o Joaquim voltou costas.

Aproximou-se o engenheiro; estava um tanto pallido e mais serio do que era seu costume.

— A carta? — perguntou o Frederico.

— Tenho a aqui.

— Abri-a!

— Abri.

O desditoso mancebo, ao ouvir a resposta, encostou a cabeça sobre a almofada, e apertou a fronte entre as mãos.

— Estas soffrendo ainda? — inquiriu, bondosamente, o outro.

— Um pouco: sinto um pêso na cabeça, custame immenso pensar, quasi que nem entendo o que me dizes. — Diziais que?

— Que sim; que a li! Não a escreveste para que eu a lesse?

— E' verdade... mas... foste só tu?

— So eu. Não o disse a pessoa alguma.

— Obrigado.

E Frederico, fallando assim, de envergonhado, corava.

— Ainda tens fébre — observou o Enéas em tom benigno, — para que tirastes o lenço molhado da testa? queres que t'o ponha outra vez?

Pois sim.

Enéas desempenhou, com a maxima delicadeza, aquelle mister de enfermeiro.

— Tu és também bondoso — observou o Frederico — e mereces ser feliz.

— Não, respondeu o engenheiro.

— Quizeste morrer — proferiu depois, lentamente, — porque amavas a Amalia; a Providencia não permitiu semelhante infortunio. Julgas que a tua morte teria tornado mais feliz a Amalia, ou pelo menos, proporcionado uma alegria, um prazer, uma satisfação á mulher que amavas?

— Era menos generoso o meu intento — replicou o Frederico: — a minha morte só a mim favorecia; livráva-me dos meus pensamentos...

— E' verdade — murmurou o Enéas.

E, desdobrando a carta que tinha na mão, lêu, baixinho, em tom, porém, audível:

«Torna-a feliz, Enéas; ama-a por mim; mórro pois não me é permitido ama-la. Mas saiba ao menos, que o seu nome será o ultimo frémito de meus lábios. N'este instante suprémo, sorri-me uma imagem; vejo que a piedade vence a repugnancia que a morte me inspira, e vejo-a a ella, chorosa, inclinar-se sobre a minha fronte e estampar sobre ella dois beijos: — a minha ultima riqueza.»

— Que loucura! — exclamou em voz alta o Frederico, e cobriu o rosto com as mãos ambas.

O Enéas, como se nada ouvisse, proseguiu:

«Não tenhas ciúme, caro amigo; os mortos não invejam a ventura aos vivos, e espero que, em vez de causar sombra á vossa felicidade, ser-me-ha concedido ajudar-vos a ser felizes...»

Devéras, — acrescentou o engenheiro, tornando a dobrar a carta — crês que os mortos não causam sombra á felicidade dos vivos?

— Era um egoista — murmurou o Frederico sem abrir os olhos.

— Sim, éras um egoista sem que o soubesses — repetiu com doçura o Enéas; — devias ter sustentado primeiro a lucta com o amor, e depois, com a vida; eu não sou nenhum heroe, amando porém, havia de luctar até á ultima para que fosse minha... e teria assim obtido a minha felicidade á custa da desventura do meu melhor amigo... E tu, Frederico, devias ter-me combattido, e combattido sem piedade em quanto era tempo...

Deteve-se o Enéas por momentos, como que buscando as palavras; assim que o Frederico, porém, mexeu os lábios, apressou-se em acrescentar.

— Falla; dize o que pensas.

— Eu não era amado — murmurou o mancebo;

— A Amalia não podia tolerar-me...

O amigo sorriu-se e ficou, por instantes, pensativo.

— Então — proseguiu — se não te restava esperanza de que ella viesse a ser tua, devias ter tido sufficiente animo para que vivesses e fosses testemunha da sua ventura. Morrer pela mulher adorada, quando não seja uma phrase de rhetorica, deve sêr uma sandice pyramidal. Por causa da mulher adorada, o que cumpre a cada um é viver... Morrendo, conseguimos apenas acrescentar mais um triste phantasma á existencia d'aquelles a quem queremos bem; e pelo contrario, a vida, que nos pareceu, por instantes, coisa tão fatal que alegremente podémos atirala fóra, poder-nos-ha, amanhã, vir a ser util, e util também a outrem. Os amantes desditosos — proseguiu o Enéas, em tom levemente chocarreiro — deviam todos consagrar as vidas á sua dama perdida... e ao marido d'ella, e dizer, por exemplo: «Viverei para elles; educarei o pensamento a poder proporcionar lhes um bom conselho; abrandarei o coração para lhes suggerir um bom sentimento ou ministrar lhes uma palavra de conforto; manter-me-hei são, para que jámais venham a ter um amigo achacoso.» Seria esta uma prova de muito amor, e assim, eu que valho tão pouco, creio que teria forças para dar semelhante prova, se me encontrasse no teu caso... E tu?

— Eu também.

E estendeu a mão para apertar a de amigo tão leal.

— Isso que foi? — inquiriu, ao ver a destra do engenheiro envolta em ligadura?

— Não é nada — respondeu o outro; e apressou-se em lhe apertar a mão.

O pacto foi triste, mas solemne.

— Não era porém bastante para o Enéas.

— Promette-me que não tornarás outra vez... disse: — promettes?

— Prometto! — exclamou o enfermo com expressão resoluta. Há pouco ainda, quando a luz primeira de uma ideia nova me apontava de longe nas trevas da mente, causou-me espantoso sobresalto pois compreendi que essa ideia, era aquella justamente, á qual eu tentara fugir. Julguei estar morto e ter principiado a soffrer os horribes tormentos d'alem da campa, e em vez d'elles, porém, encontrava-me com vida e pensava;... crês que me succederia coisa diversa, se realmente tivesse succumbido?

— Não — respondeu o Enéas; — se acaso o espirito sobrevive, a morte não deve apenas collocar o mais frente a frente com as proprias fraquezas, com o proprio desalento. E que agonia o ser-se espirito incorpóreo e amar perdidamente uma mulher de carne e osso?

Ria o Enéas, com riso, porém, tão estranho, que o Frederico, assustado, perguntou-lhe:

— Que tens tu?

— Eu? Nada... Ficamos, então, em que... não ha perigo que tu voltes á mesma... E agora, falla, sei que tens que dizer-me

— Tenho a pedir-te um favor... já que ninguém viu essa carta, rasga-a.

— Farei mais — disse o Enéas — devolver-t'ahêi. — Sem se dar, porém, por entendido, simulando não ver o olhar insistente e a mão estendida do amigo, mettu a carta no bolso do colête, e acrescentou: — Prometto.

— Não te fias em mim! — exclamou o Frederico — tens razão. Partirei — sahirei de Italia; não me tornarás a ver, nunca mais.

— Espero, ao contrario, ver-te casado e com familia.

— Não has-de ver — insistiu o Frederico; — em recompensa, promette-me que farás acreditar a toda a gente que o meu desastre não foi voluntario.

— Que nem sequer te passou pela mente a ideia de morrer como qualquer costureirita abandonada por um caixeiro? — Sim, sim, acho que é indispensavel, e prometto. O que aconteceu foi ter esse esturdio d'esse engenheiro Enéas trazido um forninho de turba acceso, t'el-o posto a um canto, e retirado, depois, fechando a porta. As janelas já estavam fechadas; tu, repimpo na poltrona, estavas distrahido a pensar nos crédores; — cedeste ao somno... e por pouco mais, ias, acordar ao outro... bairro.

— Achas bem?

Sentiu-se melindrado o Frederico, por aquelle tom de mofa, e não respondeu.

— Achas bem? — insistiu o Enéas.

— Acho...

— Vou impingir-o ao doutor Roque, ao Joaquim, ao Romulo, á senhora Tranquilina... A Amalia has-de tu dizer-lho.

— Por quê?

— Assim é preciso.

— Ella crê, por acaso?...

— Não lhe deixaste perceber nunca o teu amor? O Frederico não podia dizer que não.

— Cumpre-te pois, a ti, desengana-la; desvanecer suspeitas que a ninguém podem favorecer: para o conseguir, o melhor que podes fazer é elogiá-lhe o engenheiro Enéas; supponho que não te custará os olhos da cara. — Adeus, Frederico... dá cá um abraço, assim: agora, vou ter com ella e cá t'a mando.

E, rapido, sahiu, acompanhado pelo atonito olhar do Frederico.

(Continua.)

Pin-Sel.



Recebemos e agradecemos:

A fazenda do Paraizo — Volume I e II — por Arthur Guimarães. — Typ. Companhia Nacional Editora

Enviados gentilmente de Joanne — Villa Nova de Famalicão, temos presentes os dois volumes que constituem o romance *A fazenda do Paraizo*, original do sr. Arthur Guimarães. A parte material é inexcedível em perfeição; o papel finissimo e a impressão nitidissima.

De enredo simples, abundando na forma litteraria o estylo epistolar, o presente romance entretém agradavelmente algumas horas de leitura, descrevendo a vida no Brazil e romanticando as contingencias que alli se soffrem.

O auctor tem já publicado outros trabalhos, entre os quaes se salientam: *Cambiantes*, uma serie de contos, impressões de viagens, phantasias; *O obstaculo* romance contemporaneo; *Viagens e costumes: Quadros de Lambary*, etc., abonando todos estes trabalhos as apreciaveis faculdades do sr. Arthur Guimarães.

Rivista politica e letteraria — Anno secondo Vol. IV — Roma-3-Via Marco Minghetti — 1898.

Esta importantissima revista italiana publica mensalmente um grosso tomo de cerca de 200 paginas, em quarto, acompanhado de um boletim bibliographico muito apreciavel pela sua novidade, pois que dá sempre noticia das publicações mais recentes não só da Italia como d'outros paises. Graças, pois, á sua largueza occupa-se detidamente de assumptos de interesse geral com uma grande copia de indicações.

Nos numeros que temos presentes distinguiremos alguns trabalhos dignos de geral conhecimento pela sua magnitude: *A litteratura russa nel medio-evo*, *Il principe de Bismarck nella politica italiana* e muito especialmente o primeiro artigo do ultimo fasciculo (*Ottobre*) que trata das duas mais interessantes questões da actualidade: *Il disarmo, l'accordo anglo-germanico e l'Italia*.

Esta importante revista que em Portugal apenas troca comasco e com *A Revista de Educação e Ensino*, *Revista de Direito e Jurisprudencia* e *La Revue illustrée du Portugal*, todas de Lisboa, encontra-se também no gabinete de leitura do Avenida Palace, segundo indica.

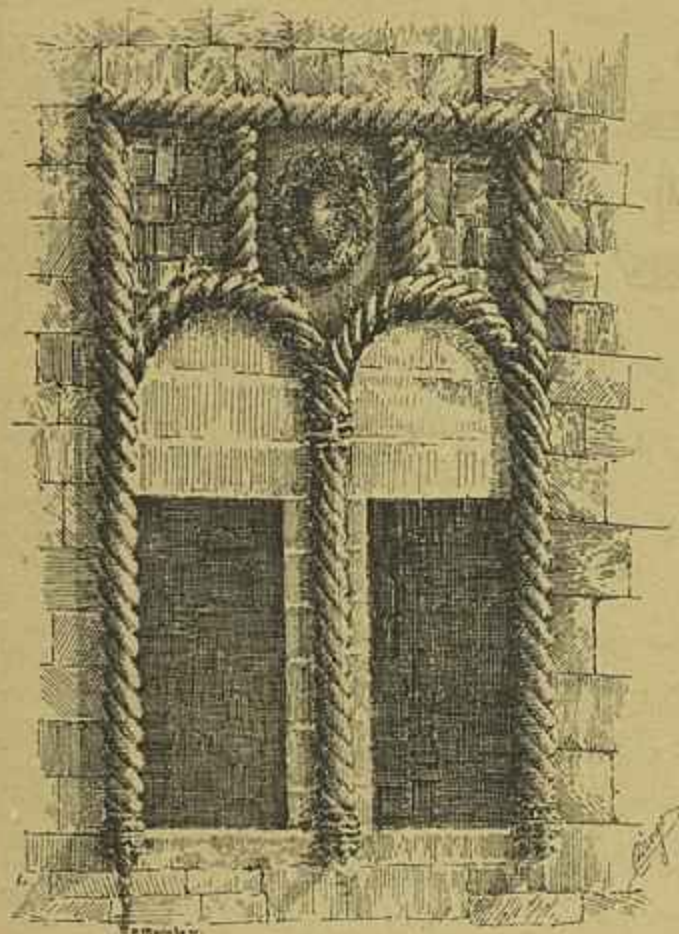
Recommendamos a sua leitura pela clareza das suas apreciações e elevada orientação.

Circular do ex.^o Ministro das obras publicas, commercio e industria — 23 de agosto de 1898.

Recebemos esta circular, que embora não constitua, como o proprio ministro o declara, um plano já elaborado de fomento agricola, industrial e commercial, é comtudo um notavel esboço das bases em que o titular de tão importante pasta o deseja assentar, e que apresentando-as ao paiz, pede a analyse imparcial feita pelas associações a que interessam especialmente tão valiosos estudos.

Diz o sr. ministro:

«Estamos certo de que o progresso da nossa agricultura, que tanto carece da acção persistente da iniciativa particular e, não menos, do estímulo e do auxilio protector do estado, e o progresso das nossas industrias, que reclamam estudos especiaes e cuidados sollicitos por parte dos que as exploram, e apoio eficaz dos poderes publicos, hão de determinar, em praso não muito longo, a prosperidade economica da nação, no grau a que ella deve legitimamente aspirar e a que tem incontestavel direito pela fertilidade do seu solo, pela intelligencia e ingenita actividade do nosso



UMA JANELLA EM VILLA REAL DE TRAZ-OS-MONTES

Inserer artigos de critica musical e distingue-se pela sua imparcialidade, para o que muito contribue o lugar em que se publica, onde as questões theatraes e artisticas são mais desapaixonadas que n'outras cidades da Italia.

Revue Mascaró pour aveugles et voyants — 20 — R. Alecrim. — Lisbonne.

O numero que temos presente d'esta publicação, contem, em caracteres legiveis para cegos e videntes, um excerpto em francez do livro *Dai-Nippou*, publicado pelo sr. Wenceslau de Moraes, por occasião do centenario da India, e traduzido pelo sr. dr. A. V. H. Mascaró. O excerpto intitula-se *Une industrie des aveugles au Japon* é muito curioso.

Como se sabe, este systema de caracteres para cegos e videntes é original do sr. Mascaró. N'este mesmo numero vem a equivalencia do engenhoso alfabeto com o de Braille.

O Seculo — *Supplemento illustrado* — Lisboa — 1898.

Inquestionavelmente é este o periodico humoristico lisbonense mais digno de apreço, pela relativa compostura da sua graça e pela vivacidade das suas illustrações.

Redigir uma publicação n'este genero sem descahir na linguagem e nos excessos condemnaveis, usados por outras folhas de genero similhante, é tarefa de que tem sabido desonerar-se com geral agrado os srs. Accacio de Paiva e Jorge Collaço, director litterario e artistico d'este *Supplemento*. Se as allu-

sões pessoaes, ás vezes tão directamente formuladas, fossem excluidas do gracioso periodico, bem o poderíamos considerar como um modelo no seu genero.

Para as creanças — publicação mensal 4 e 5 series por D. Anna Osorio de Castro. — Setubal 1898.

Esta elegante publicação infantil progride bastante, graças á illustrada competencia da sua auctora e ao lisonejro acolhimento que tem despertado.

Nas proximas series iniciar-se-ha alguns melhoramentos, sendo um bem digno de imitar-se em todas as publicações periodicas, qual o da augmento do typo da letra, que em certos jornaes difficulta a leitura e estraga a vista. Compreendendo tudo isto a sr.ª D. Anna Osorio de Castro promete não só uma util alteração, bem como intercalar com os contos tradicionaes em prosa alguns contos, tambem tradicionaes, em verso ligeiro, e pequenas fabulas educativas, igualmente em verso, realisando d'est arte um beneficio importante: pois os meninos educarão assim melhor o gosto e o ouvido e desenvolverão a memoria, sabido como é que a gymnastica necessaria para esta é decorar, e nada melhor para se reter e fixar do que o verso rimado, pela sua especial construcção e melopéa.

E' pois digna de justos elogios a iniciativa da distincta escriptora.

Jornaes madeirenses — por Jordão A. de Freitas — Funchal — 1898.

N'uma folha avulsa transcreveu o sr. Jordão de Freitas os artigos que, com o titulo acima, publicou no *Diario de Noticias*, do Funchal, n.ºs 6:385 e 6:386, correspondentes a 2 e 3 de julho de 1898.

E' uma extensa relação, em que aquelle investigador, servindo-se dos seus estudos especiaes, feitos para a publicação de uma obra intitulada *O Jornalismo Madeirense (1821-1898)*, menciona as omissões que encontrou no bello trabalho do nosso amigo Silva Pereira. Os jornaes portuguezes e que respeitam aos jornaes *O Académico*, numero especial, publicado em 1885; *Atalaya da Liberdade*, em 1823; *Caballero di Gracia*, numero unico, em 1888; *Chronica Official*, 1840; *The Comet*, 1882; *Correio da Manhã*, numero especial, 1885; *Diario de Noticias*, numero especial, 1885; *O Direito*, 1850; *O Imparcial*, 1889; *O Liberal*, 1885; *A Liberdade*, 1879; *Montagut*, numero especial, 1828; *Reflexos*, 1878; *The Stranger*, numero unico, 1840; abstrahindo outros periodicos que, por publicados depois de 19 d'outubro de

1889, data a que alcançou o trabalho de Silva Pereira, não podia de modo algum constituir lacuna a sua omissão.

A estas indicações accrescenta o sr. Jordão de Freitas outros reparos, taes como que os periodicos *O Districto do Funchal*, (1886), *O Orphão*, (1875) e o *Progresso*, (1851) que Silva Pereira dá como publicados, não chegaram a apparecer.

Taes são as omissões e lapsos notados pelo dedicado investigador madeirense ao trabalho do nosso amigo, ao qual não deixa de reconhecer as difficuldades com que luctou para uma obra d'este genero.

Enunciando as lacunas apontadas, entendemos facilitar o preenchimento d'ellas aquelles dos nossos leitores que possuem a interessante obra de Silva Pereira, e prestar a devida homenagem ao sr. Freitas, que tendo maior facilidade n'estas investigações, pela sua residencia na Madeira, prestou uma louvavel contribuição para a historia do jornalismo portuguez. Oxala n'outras nossas terras d'além-mar surgissem eguaes iniciativas, com que todos lucraríamos.

Jornal dos Cegos. — Abril e maio de 1898 — N.ºs 30 e 31 — Lisboa.

Esta revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos publicou por occasião do quarto centenario do descobrimento da India não só este numero commemorativo para os videntes, mas um outro e a *Marcha Triumphal*, de Oscar da Silva, em caracteres em relevo, magnifico trabalho sahido da Imprensa Nacional.

Foi decerto esta uma das mais curiosas publicações commemorativas do centenario.

Le Monde Moderne — Rue Saint-Benoit, n.º 6 Paris — Octobre 1898.

A sempre tão interessante publicação parisiense apresenta-nos n'este seu ultimo numero um sumario deveras atrahente, contendo entre outros artigos os seguintes todos illustrados:

Le Château d'Agor, par Gaston Bergeret. — *L'île de Capri*, par Bernard de la Mothe. — *La Bibliothèque de l'arsenal*, par Paul Bonnefon. *Le Couvent des Célestins*. — *Peinture sur toiles en imitation de tapisserie*, par M. C. — *La Vie militaire en Autriche*, par P. de Pardiellan. — *Elle!* poésie de Stephen Liégeois. *A travers la Nouvelle-Autriche*, par Edmond Neukomm. — *L'Astrologue pisan*, par A. Baure. — *Le Tourisme*, par L. Baudry de Saunier. — *Les Sceaux*, par A. Lecoy de la Marche. — *Le Mouvement littéraire*, par Léo Claretie. — *Causerie scientifique*, par G. Marschal. — *Événements géographiques et coloniaux*, par Gaston Rouvier. *La Musique*, par Guillaume Danvers. — *Credo d'Amour*, de Emmanuel Chabrier. — *Un essai de résurrection du Théâtre Grec*, par A. Demeure de Beaumont. — *Memento encyclopédique*, etc.

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1899

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1899.

Recebem-se annuncios e encomendas.
Preço 200 réis brochado, cartonado 300 réis.
Pelo correio 220 e 320 réis.

DICIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Obra unica no genero, indispensavel ao Commercio, á Industria, ás Corporações diplomaticas e Consulares, aos Tabellães, Escrivores, e estudantes de todas as partes, etc.

ABRANGE

Diccionario Francez-Portuguez e Portuguez-Francez
Diccionario Francez Hespanhol e Hespanhol-Francez
Diccionario Francez-Italiano e Italiano-Francez
Diccionario Francez-Inglez e Inglez-Francez
Diccionario Francez-Allemão e Allemão-Francez

Forma um só volume perfeitamente manuseavel e publica-se aos fasciculos de 16 paginas.

30 réis cada fasciculo pago á entrega

Para as provincias ás series de 5, 10 e 20 fasciculos, accrescendo o porte do torreo.
Assigna-se em todas as livrarias e na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

povo, e ainda pela sua posição e por outras condições geographicas, que tanto a favorecem.

O aproveitamento cauteloso, sensato e opportuno, d'estes poderosos factores de riqueza impõe-se imprescindivelmente para que possamos, como é nosso dever, reconquistar a situação proeminente, que, em seculos anteriores, tivemos no mundo civilisado.

Assim o desejamos sinceramente, para honra do paiz e do nobre ministro, o sr. conselheiro Elvino de Brito.

Boletim da Real Associação dos Architectos e archeologos portuguezes — N.º 1 e 2 — 3.ª serie 1898.

Continua apresentando-se muito interessante este apreciado boletim. Estes dois ultimos numeros contem, além de varias actas da associação, os seguintes artigos:

Monumento a D. Maria I: Discurso proferido na Camara dos Dignos Pares, pelo sr. Francisco Simões Margiochi. — Pelourinho dos Arcos-de-Valdevez, pelo sr. Felix Alves Pereira. — Mafra, Convento, Mosteiro, pelo sr. J. Gomes. — Noticias archeologicas, pelo sr. E. Rocha Dias. — Relatório sobre a Bibliotheca da Associação, pelo sr. Visconde da Torre da Murta. — Um monumento bysantino-latino em Portugal, pelo sr. Ernesto Korrodí. — Elogio historico do architecto e engenheiro-mór do Reino, Manoel da Maia, lido na sessão solemne da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, em 25 de março de 1867, pelo socio artista Joaquim da Costa Cascaes. — Extracto dos officios enviados á commissão, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, encarregou de redigir a representação ao Governo acerca dos monumentos nacionaes.

La presse Internationale — *Revue bi-mensuelle illustrée* — Paris — 1898.

Esta moderna revista franceza é, como se sabe, dirigida por Maxime Serpeille, redactor em chefe, e Maurice Feullet, director artistico, ao primeiro dos quaes tivemos o prazer de conhecer pessoalmente por occasião do congresso da imprensa, para cuja realização tambem contribuiu notavelmente, como boletim que é das principaes associações jornalisticas do estrangeiro. Os ultimos numeros que temos presentes alcançam apenas o n.º 11 (5 de Aout 1898).

Iride — *Rivista d'arte* — Direttore Avv. G. Conrado — Anno II — 1898 — Genova.

É em Spezia que se publica esta pequena revista de formato elegante e de collaboração selecta.